

## A EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM COMUNICAÇÃO

### THE TRAINING EXPERIENCE IN THE SUPERVISED CURRICULAR INTERNSHIP IN COMMUNICATION

### LA EXPERIENCIA DE FORMACIÓN EN LA PRÁCTICA CURRICULAR SUPERVISADA EN COMUNICACIÓN

Moisés dos Santos Viana<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto tem como objetivo apresentar uma breve reflexão sobre a experiência formativa que ocorre no Estágio Curricular Supervisionado (ECS) do Curso de Comunicação Social de Rádio e TV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Conceição do Coité-BA, no semiárido baiano. Destacamos o ECS como um complexo processo de formação que ocorre na universidade, garantindo a profissionalização de agentes críticos e reflexivos. Observamos, então, aspectos peculiares relacionados a um cotidiano de produção de materiais e ensino-aprendizagem, saberes, conhecimentos, tecnologias que chegam às pessoas que participam dessa experiência formativa. Dessa forma, o ECS se desenvolve em consonância com a realidade do interior da Bahia, criando momentos com oportunidades de formação, desenvolvendo atividades coletivas e compartilhando formas de vivências universitárias.

**Palavras-chave:** Estágio Curricular Supervisionado. Comunicação Social. Território do Sisal. UNEB.

**Abstract:** This text aims to present a brief reflection on the formative experience that occurs in the Supervised Curricular Internship (ECS) of the Radio and TV Social Communication Course, at the State University of Bahia (UNEB), in Conceição do Coité-BA, in the semi-arid region of Bahia. We highlight the ECS as a complex training process that takes place at the university, ensuring the professionalization of critical and reflective agents. We observe, then, peculiar aspects related to the daily production of materials and teaching-learning, knowledge, expertise, technologies that reach the people who participate in this formative experience. In this way, ECS develops in line with the reality of the interior of Bahia, creating moments with training opportunities, developing collective activities and sharing forms of university experiences.

**Keywords:** Supervised Curricular Internship. Social Communication. Sisal Territory. UNEB.

**Resumen:** Este texto tiene como objetivo presentar una breve reflexión sobre la experiencia formativa que ocurre en la Práctica Curricular Supervisada (ECS) del Curso de Comunicación Social de Radio y TV, en la Universidad Estatal de Bahía (UNEB), en Conceição do Coité-BA, en la región semiárida del

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Educação - Universidade do Estado da Bahia (DEDC/UNEB), Conceição do Coité-BA) - Comunicação Social. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC/ - UFBA). Grupos de pesquisa: Agricultura Comparada e Agricultura Familiar; FEL - Formação, Experiência e Linguagem (UNEB). E-mail: [tutmosh@gmail.com](mailto:tutmosh@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9048-9097>.

Estado de Bahía. Destacamos la ECS como un proceso de formación complejo que se desarrolla en la universidad, asegurando la profesionalización de agentes críticos y reflexivos. Observamos, entonces, aspectos peculiares relacionados con una cotidianidad de producción material y de enseñanza-aprendizaje, conocimiento, saberes, tecnologías que llegan a las personas que participan de esta experiencia formativa. De esta forma, la ECS se desarrolla en consonancia con la realidad del interior de Bahía, creando momentos con oportunidades de formación, desarrollando actividades colectivas y compartiendo formas de experiencias universitarias.

**Palabras clave:** Práctica Curricular Supervisada. Comunicación Social. Territorio de Sisal. UNEB.

“O que em mim sente está pensando”

Fernando Pessoa

## Introdução

Com um histórico de 30 anos no Território do Sisal<sup>2</sup>, a UNEB tem papel fundamental como agente de desenvolvimento na promoção de políticas educacionais e na formação de quadros profissionais qualificados e de agentes políticos. Isso acontece, a partir das interfaces no campo da comunicação, nas relações do processo formativo do comunicador na Universidade. Tudo isso é resultado de pressões políticas dos movimentos sociais pelo direito à comunicação e à rádio comunitária, em um contexto de vida de convívio com o semiárido, geração de renda, organizações sociais, promoção da justiça fundiária e permanência na terra. Além disso, a trajetória histórica e pioneira de implementação do Estágio Curricular Supervisionado (ECS), em 2014, teve como finalidade de atender as Diretrizes Curriculares em Comunicação exigidas no redirecionamento do Curso<sup>3</sup> que passou a ser denominado Rádio e TV, atentando aos processos contemporâneos que circundam essa formação.

Em meio a isso, destacamos os problemas de informalidade e neoliberalismo que assombram com a ausência de políticas públicas para geração de emprego e renda, a falta da democratização da comunicação e outras mazelas territoriais. Soma-se a isso as crises históricas

<sup>2</sup> O território do Sisal, que está inserido dentro do semiárido baiano, no nordeste do estado da Bahia, a 200 km de Salvador. Abrangendo uma área de 21.256,50 Km<sup>2</sup> e subdividida nos municípios de Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Serrinha, Teofilândia, Valente, Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Ichu, Lamarão, Retirolândia, Santaluz, São Domingos, Tucano, Araci, Candeal, Cansanção e Itiúba, de uma população de aproximadamente 570.720 habitantes (58.238 agricultores familiares, 2.482 famílias assentadas, duas comunidades quilombolas e uma terra indígena) (BAHIA, 2017).

<sup>3</sup> O curso de Bacharelado em Comunicação Social – Rádio e TV foi implantado no ano de 2006 como Radialismo e obteve o reconhecimento em 2012. O projeto pedagógico do curso foi submetido a um processo de redirecionamento curricular e passou para a atual configuração.

de concentração de renda, racismo e desigualdades de gênero e outras exclusões que se atualizam hoje com demandas contemporâneas no âmbito do sucateamento do ensino superior na Bahia, a crise do mundo do trabalho, a crise da verdade e das epistemologias ocidentais, tecnologias de vigilância e capitalismo de plataforma. Assim, este texto objetiva apresentar uma breve reflexão sobre experiência formativa que acontece no Estágio Curricular Supervisionado (ECS) do Curso de Comunicação Social Rádio e TV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Conceição do Coité-BA, no semiárido do estado da Bahia atentando para essas configurações supracitadas.

O curso de Comunicação com seu currículo é inserido no Território a partir dos direcionamentos epistemológicos da UNEB (orientações específicas e atos normativos internos) e dos parâmetros pré-estabelecidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos do Bacharelado em Comunicação Social – Rádio e TV (BRASIL 2001; BRASIL 2010).

Esse currículo apresenta um ideal concebido com fundamentos filosóficos direcionados por abstrações que idealizam competências e habilidades, expressam finalidades teóricas em consonância com um perfil universal idealizado no projeto do curso, na disposição gráfica curricular (fluxograma) dos componentes e nos ementários com referências básicas e complementares.

Dessa maneira, destacamos a estrutura social e cultural, bem como o cotidiano de produção material de ensino-aprendizado, saberes, conhecimentos e tecnologias que envolvem os discentes em sua experiência formativa. Daí, o currículo é “atualizado”, modificado constantemente a partir da realidade das pessoas, dos problemas sociais e das disparidades econômicas e políticas.

Os elementos do currículo são tensionados por movimentos diversos que afetam o campo do conhecimento e das experiências formativas, constituindo territórios do saber e fronteiras do conhecimento. Esses territórios se materializam no cotidiano educativo da Universidade como artefatos éticos, políticos, estéticos e culturais, repletos de ambivalências e contradições. Criam-se fissuras no ideal, esvaindo-se nas lacunas, nas demandas, nas precarizações, na ausência de políticas educacionais, na falta de professores permanentes e no déficit de equipamentos-laboratórios.

Tais fissuras no currículo aparecem no cotidiano do ensino de ECS, quando concebemos as diversas experiências na prática e na sua relação fora dos muros da Universidade,

contextualizada em campo, em locais de mercado: empresas, organizações, desafiando os discentes e suas competências. O ECS traz efeito significativo, pois gera flexibilidade diferenciada e redimensiona o discente no campo de atuação, produzindo crises que possibilitam uma formação pessoal e profissional atualizada.

Apontamos também a problemática dos conhecimentos acerca do local, da sociedade e da cultura estabelecida nesse contexto da sociedade mediatizada e tecnologicamente posta. Esses apontamentos formam processos cognitivos importantes e desafiadores, levando em conta a diversidade, a descontinuidade, as diferenças, as rupturas e as transformações em que os saberes se deslocam tais como gênero, raça e classe social.

Além disso, observamos que surge no ECS um *corpus* dessas experiências nos documentos produzidos pelos discentes. Eles moldam um conjunto de informações que se materializam em representações desse conhecimento, saberes e táticas que marcam as narrativas profissionais dos agentes na universidade e fora dela. Os produtos, as escritas, os relatos de experiências do ECS são constitutivos de experiências comunicacionais em um clima de interação construída, planejada e ressignificada pelos agentes de estágio.

Nesse sentido, podemos pensar que o ECS possui as seguintes características:

- contribuição para a consolidação do ensino superior no território;
- visibilidade dos conhecimentos e saberes territoriais;
- integralidade das relações da universidade com as comunidades locais;
- relacionamento de práticas educativas no campo de trabalho da Comunicação Social no território;
- desenvolvimento de tecnologias e inovação;
- possibilidade de equidade de ganhos entre agentes de estágio (empresas, organizações, instituições e movimentos sociais);
- produção produtos locais para consumo local e global;
- visibilidades da formação profissional atualizada;
- promoção de políticas públicas territoriais;
- atualização do currículo referenciado na formação de profissionais competentes, críticos e reflexivos;

O ECS rompe o isolamento e dialoga com uma miríade de agentes sociais: movimentos, organizações e instituições. Tudo isso gera ajustes às demandas das cadeias produtivas e das

organizações da comunicação, levando a uma atualização da Universidade, a partir da simetria entre as dinâmicas dos saberes dialogados com agentes plurais no ECS. Para a UNEB, por exemplo:

- ampliam-se os relacionamentos com os agentes institucionalizados do território;
- criam-se caminhos para resolução de problemas endógenos em ações pontuais;
- mantém-se contato permanente com a sociedade mais ampla;
- desenvolve-se processos de inovação tecnológica, de tecnologias sociais e de novos conhecimentos;
- criam-se ações que possibilitam uma intervenção política institucional no território.

Desse modo, nosso objetivo é descrever a experiência formativa como movimento fundante do ECS, ou seja, ele é em si mesmo constitutivo de possibilidades para o que pensamos ser o roteiro das competências do egresso em comunicação. Para tanto utilizamos o ensaio como método de escrita e sistematização da nossa experiência de oito anos de docência no campo de Estágio em Comunicação Social. O trabalho é dividido em duas seções: a primeira descreve a nossa concepção de experiência formativa e a segunda apresenta o itinerário do ECS em comunicação.

## 1 Experiência Formativa

A educação é uma ação da cultura no local e no território, um processo que pressupõe um consenso no contexto social. Daí a força da sociedade que é capaz de coordenar ações e desenvolver competências de conhecimento específico e de saber-fazer. Ou seja, das experiências vividas anteriormente temos articulações que se formam entre organismo e ambiente com interação e ação que se desdobram em novos conhecimentos sobre a realidade.

Tudo isso faz parte da vida e de suas formas de compreendê-la: “[...] toda experiência é o resultado da interação entre uma criatura viva e alguns aspectos do mundo no qual ela vive.” (DEWEY, 1980, p. 95-96). Assim, o objetivo de manter-se sabedor das coisas do mundo vem através dos vínculos comunicativos sucedidos das experiências passadas.

As experiências no território parecem ser algo singular, de maneira alguma é unívoca, porém é típica, pois envolve uma relação de interação com o espaço ocupado, e alcança sentido completo à medida em que resulta em compreensão de símbolos: campo, água, chuva, cantos

de celebração, conversas, cotidiano, conflitos externos, demandas internas, vida, morte, convívio com semiárido e lutas políticas (SANTOS; COELHO NETO; DA SILVA, 2015). Nesse caso, os processos de interações tornam os agentes da experiência protagonistas de um conjunto de conhecimentos estocásticos capazes de serem compartilhados e vividos.

Os protagonistas que compartilham seus conhecimentos, neste caso, são os estudantes de Comunicação Social que estão em um lugar de atitude de experiência, podendo construir significados no tempo e no espaço gerando um saber-fazer profissional. No entanto, é importante lembrar que:

- a) primeiro acontece um processo de interpretação do mundo que resulta em uma perspectiva formativa;
- b) segundo o modo particular de ver o mundo se torna mais complexo, pois pode se desdobrar em múltiplas organizações de vida, profissionalidades e ações políticas.

Simões (2014) destaca que as experiências devem ser pensadas como tais em um contexto concreto, envolvendo emoções, razão, situações humanas em que há percepção e interpretação das coisas, do mundo e do contexto de interação que marca a vida dos agentes do conhecimento. Pensa-se assim no extrato dessas experiências como condições de cultura, podendo resultar em saber-fazer cotidiano, “astúcias” e “arte de fazer” que se tornam por suas ações “estratégias” e “táticas” de vida dos agentes (CERTEAU, 2014).

O desenvolvimento das experiências de vida proporciona interação, capacita os agentes do conhecimento a viver no mundo com o processo de abstração e racionalidade, emoção e sociabilidade comunicativa. Por isso, toda experiência humana passa pela comunicação (BERLO, 2003). O saber do mundo e o compartilhar desse saber pela educação é um processo comunicativo como destaca Freire (2021) em sua abordagem sobre a circulação do saber.

Para Rüdiger (2011), o fenômeno comunicacional é uma dimensão constitutiva da vida social, cognitiva e cultural. Desse modo, os agentes sociais são capazes de desenvolver competências socioculturais, mediante a linguagem (manipulação simbólica, estabelecendo novos consensos). Há uma construção educativa sem fim que é marcada pela subjetividade e sustentada pelas relações sociais. Daí o postulado que o agente é fruto de suas experiências, cujo principal elemento é sua ação em se perceber no mundo. Educar é comunicar, por isso nos comunicamos (FREIRE, 2021) e assim há condições de produção de saberes, ou seja, através de um processo de construção relacional, mediação e socialização das consciências através dos

dialogados, fruto de interação ativa em determinado contexto, perpassadas pelas variações contextuais (VIANA, 2011).

São essas condições de possibilidade que geram experiências básicas na vida: “Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e mundo dos objetos e acontecimentos” (DEWEY, 2010. p. 83). Especificamente, no ensino aprendido isso se materializa de uma forma diversificada e plural, ampliando as perspectivas de quem vive a experiência formativa.

A experiência formativa no ESC não é unidimensional, mas cheia de complexidade, pois aumentam as possibilidades de aprender, que nas palavras de Zabalza (2014) é ampliação e aprofundamento do saber-fazer, da aplicação de conhecimentos e das habilidades em contextos práticos.

[...] estágio constitui uma realidade complexa, determinada por múltiplas variáveis e no qual participam três agentes fundamentais, os estudantes, a instituição universitária e os centros de atividades práticas (ZABALZA, 2014, p. 40).

As práticas diárias são mais que instrumentos de adaptação no espaço de trabalho, pois elas desenvolvem conhecimentos e habilidades, intenção, relações de interesses individuais e também de interesses coletivos. O conhecimento gerado é mediação e percepção, conexões entre objetos e humanos em determinadas situações ambientais comunicativas, a partir de um compartilhamento de campo social e político, formando um ecossistema de redes para as experiências formativas:



**Figura 1:** Configuração do ecossistema do ECS em comunicação  
**Fonte:** Elaboração do autor.

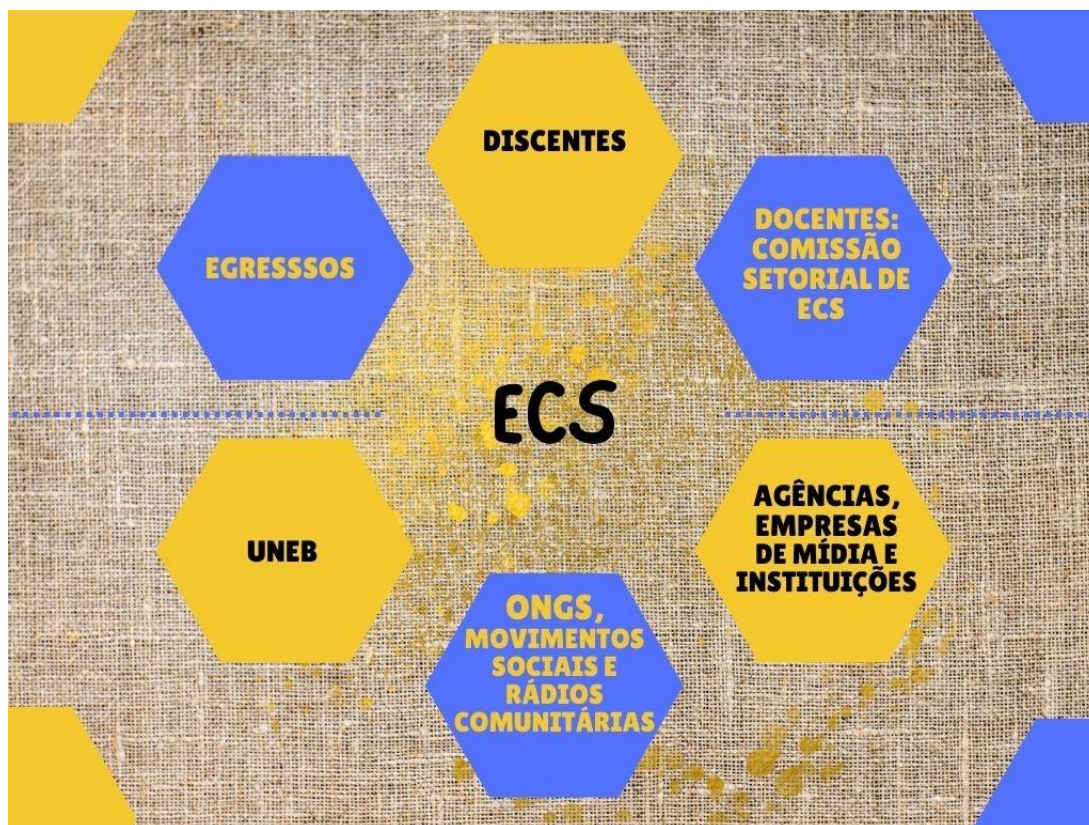
O que configuramos como ecossistema do ECS tem base na comunicação. Assim as experiências de conhecer e saber estão entre a subjetividade e a constituição histórico-dimENSIONAL que constrói significados com os objetos em redes: “tudo que for passível de ser indicado, evidenciado ou referido” (BLUMER, 1980, p. 128). Ou seja, as experiências formativas no ECS são relações constituídas para o futuro profissional, importante componente na formação ordinária da graduação, objetivando sociabilidades, contatos e possibilidades (ZABALZA, 2014).

- redes de egresso supervisores (composição de egressos do curso formados no curso);
- redes de campo de estágio (rede de espaços de estágios que se ligam na configuração do curso e do território);
- redes de agentes de estágio (agentes diversos de estágio: universidade, campo de estágio e discentes do curso);



Desse modo, as redes de agentes têm como centro os discentes e faz emergir um ecossistema de relações de ECS. Essa organização proporciona um desenvolvimento adequado pra a experiência formativa que se orienta para comunicação social no território. Como parte dessa rede destacamos os egressos, os docentes, empresas e mídias institucionalizadas, movimentos sociais, ongs, organizações sociais e UNEB.

As redes de agentes de ECS se configuram uma realidade, envolvendo diversas ligações que não eram percebidas na formação do comunicólogo. Essa realidade traz à baila uma série de relações que sustentam a experiência formativa do estágio como um todo. No Território do Sisal, essas ligações em rede já se constituem algo comum na configuração política e econômica do espaço em uso e agora perceptivo no processo de ECS (COELHO NETO, 2013).



**Figura 2:** Representação das redes de agentes de estágio.

**Fonte:** Elaboração do autor.

## 2 Roteiro do ECS em comunicação

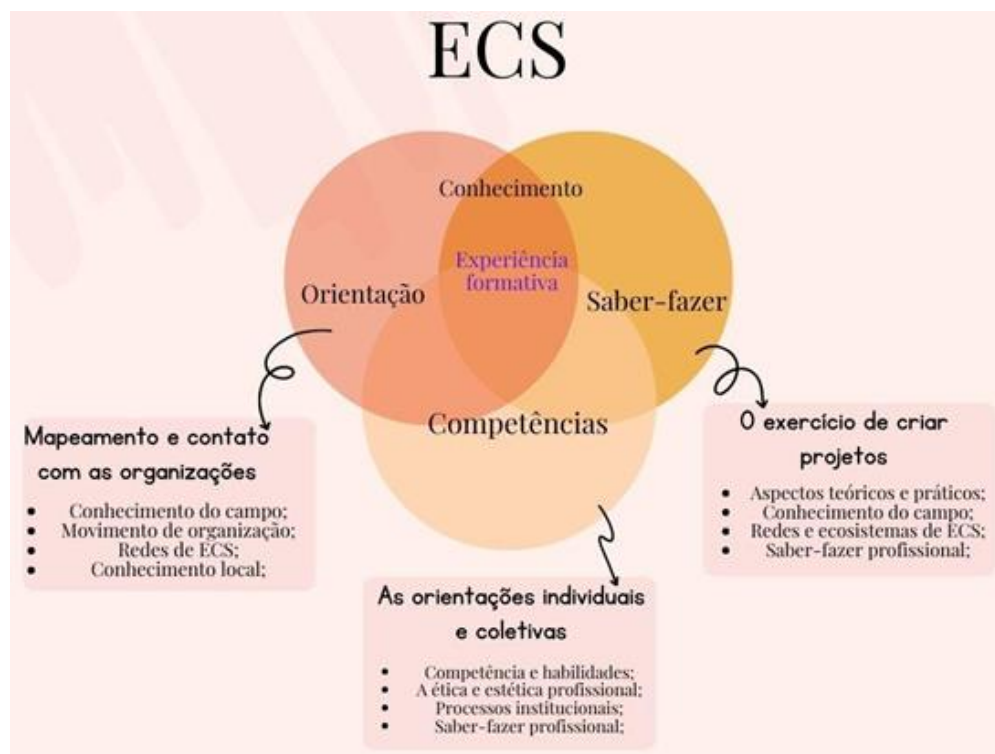
A experiência de vida profissional é marca de uma vivência importante para resolver problemas, criar possibilidades de trabalho, projetar fazeres diversos. Muito mais que um “expert” em comunicação formado nos bancos universitários, o egresso é um ser social,

cidadão, competente técnico-crítico-reflexivo formado no dia a dia, no conviver e na interação com pessoas em uma experiência formativa rica em uma relação teórico-prática, por isso atualizada.

a) **Mapeamento e contato com as organizações:** as possibilidades de desenvolvimento do Estágio se fazem por um contato prévio e mapeamento dos locais, buscando um exercício de aproximações e descrições; neste momento a prática se faz por meio das mediações entre empresa e discente, bem como o papel do docente de estágio que indica as possibilidades através de convênios e compromissos; a ida ou a já estadia do discente no local (dado a possibilidade de ele já trabalhar na organização) (UNEB, 2021).

b) **O exercício de criar projetos:** que possam relacionar o âmbito da pesquisa ou da atuação profissional vislumbrada pelo discente; ele elabora o projeto trazendo uma realidade de afinidades com seu mundo, confrontando as relações das teorias estudadas, mas destacando o caráter da improvisação e adequação do projeto à realidade local do ambiente de experiência; a proposta do produto comunicacional está relacionado ao plano de trabalho e deve ser dialogado no ambiente de ECS, passando pela orientação do docente (UNEB, 2021).

c) **As orientações individuais e coletivas:** visando sanar as dúvidas que são criadas, em sua maioria elas trazidas na tessitura das documentações necessárias do ECS, nas posturas e relações humanas geradas pelo contato fora da universidade; raras são as orientações sobre o saber-fazer de algumas atividades ou operação prática. As possibilidades de realização dos produtos acontecem seguindo o cotidiano da organização, quando o projeto é executado em parceria com diretrizes dos processos comunicacionais; a criação se faz por conta das demandas organizacionais e realização das atividades (UNEB, 2021).



**Figura 3:** Fluxo do ECS como experiência formativa.

**Fonte:** Elaboração do autor.

No âmbito do ECS, destacam-se as diversas possibilidades de adequação do ensino ao cotidiano da organização:

- competências que são avaliadas;
- diálogo;
- criatividade;
- adequação ao processo comunicacional desenvolvido no local;
- trabalho colaborativo;
- ética e estética.

O processo de profissionalização é organizado como uma experiência formativa cumulativa em que há um conjunto de experiências caracterizadas em ambientes específicos de trabalho. Destacamos que tal desenvolvimento pressupõe elementos já adquiridos nos processos teórico-práticos na Universidade, mas que são restabelecidos como atividade formal do currículo, atividade profissional supervisionada em campo.

Dessa maneira, o saber-fazer vem das experiências diversas desde os componentes de sala de aula, laboratórios, pesquisa e extensão até saberes personalizados dos agentes tais como

a inserção informal de trabalho, experiência de comunicação diversificada e atuação profissional sem o grau universitário. Todos esses processos formam uma circularidade de saberes que são aproveitadas na experiência formativa, nos diálogos e nas relações construídas nas redes de ECS.

As pessoas que já estão realizando estágios extracurriculares proporcionam diversas abrangências de saber-fazer: “A formação é construção complexa que se planifica de sentido e conteúdo diversos, conforme o cenário e o propósito em que a situamos” (ZABALZA, 2014, p.77). Daí se pensa o ECS como experiência que proporciona elementos de formação pessoal global, em que a prática desafia o currículo ordinário oficial e o atualiza de forma a propor novos direcionamentos de formação amplamente localizadas.

Ao dizer sobre experiência no Estágio, tem-se um conjunto de processos cognitivos que possibilitam o desenvolvimento do sujeito em um meio ambiente, envolvendo tempo e espaço como um “currículo experiencial” (MACEDO, 2017). Esse processo se constitui de forma a permitir o desenvolvimento educacional, aquisição de conhecimento e saberes específicos na experiência do Estágio. Essa situação faz parte de um processo de significar o mundo em que se vive, criando pressuposto de interatividade sujeito-mundo-sujeito: “Os conceitos de situação e de interação são inseparáveis um do outro” (DEWEY, 1976, p.36).

Nesta perspectiva, as relações em que o discente se insere, o desafia para desenhar a maneira de aprender, em uma profissão específica: “Ao passar o indivíduo de uma situação para outra, seu mundo, seu meio ou ambiente se expande ou se contrai. Depara-se vivendo não em outro mundo, mas em uma parte ou aspecto diferente de um e do mesmo mundo” (DEWEY, 1976, p.37). Para isso, há interação entre sujeitos sociais em um ambiente que conduz a uma situação de aprendizado que é permitido compreender saberes e fazeres.

O ECS permite compreender os saberes do dia a dia que vai além das salas de aula onde se pode adquirir, por exemplo, a possibilidade de resolução de problemas que somente dentro de um espaço comunicacional pode se pensar. Em uma rádio, por exemplo, em uma oficina de redação para rádio. Há certas elaborações, certos pressupostos, certas questões que somente no viver de uma rádio o discente pode ter, o ambiente forma, ou seja, experiência do aprendizado vem mediante essa relação ambiental. “O meio ou o ambiente, em outras palavras, é formado pelas condições, quaisquer que sejam, em interação com as necessidades, desejos, propósitos e aptidões pessoais de criar a experiência em curso” (DEWEY, 1976, p.37). Quanto mais se vive

e convive se percebe com nitidez as redundâncias e os confrontos, as falhas e fissuras que são invisíveis ao olhar imaturo.

Esses confrontos de situações levam a uma vasta gama de interações, gerando experiências na formação e delas há o desenvolvimento de novas formas de compreensão do tempo e do espaço. A questão do tempo na produção de um produto comunicacional, por exemplo, a questão das relações intersubjetivas, as relações do emprego, as relações com o patrocinador e as relações com o público. “Uma boa formação é aquela que possibilita o desenvolvimento integral das pessoas e as capacidades para enfrentar desafios cada vez mais complexos. Uma boa formação deve atender e equilibrar os diversos âmbitos do desenvolvimento social e cultural dos sujeitos” (ZABALZA, 2014, p. 94).

Todas essas possibilidades que apenas o espaço comunicacional, uma empresa e uma entidade podem proporcionarem as possibilidades do desenvolvimento do saber-fazer em experiências positivas e negativas: “Cabe assim ao educador, no exercício de sua função, selecionar as cousas que, dentro da órbita da experiência existente, tenham possibilidade de suscitar novos problemas, os quais, estimulando novos modos de observação e julgamento, ampliarão a área para experiências posteriores”. (DEWEY, 1976, p. 7). O retorno do Estágio, por exemplo, nas avaliações<sup>4</sup> dos supervisores aponta a falta de domínio técnico dos estagiários como ponto negativo das ações em campo.

Desse modo, no campo, o saber-fazer envolve a criatividade e a iniciativa de ações, indicando questões novas, o treino do olhar do discente. Seria a possibilidade da produção cultural, no sentido amplo do termo, porque aponta para a liberdade de criação e de amplitude novos horizontes. Alguém poderia responder que na ciência não se trata de não se entediar, mas de conhecer. “Seria possível argumentar que as duas situações não estão longe uma da outra. Mas, escutemos cientistas sociais que também são artistas e encontraram na criatividade chaves para fazer ciência” (CANCLINI, 2016, p.130). Assim, o desafio de sempre criar novas possibilidades, novos produtos, novas formas de comunicação, desenvolver novos estilos de linguagem e adaptar-se aos tempos e aos públicos marca o Estágio. Quem tem um público específico vai ter o desafio de criar e cativar. Aí estão as oportunidades, as formas de conhecimento e sistematização do conhecimento que é provado como produtos culturais a

<sup>4</sup> VIANA, Moisés dos Santos. Relatórios de Estágio Supervisionado II 2015.1; 2016.1; 2018.1; 2019.1; 2021.1 (Colegiado de Comunicação Social – Rádio TV - UNEB Campus XIV. Conceição do Coité-BA. (documentos não publicados).

serem consumidos e fundamentados no saber-fazer: experiência, fazer, formação, “mais próximo da ideia de profissional” (ZABALZA, 2014, p. 100). O Estágio proporciona questões que na universidade apenas pode ter de forma limitada, não tem, não se percebe, não se adquire, não se vislumbra, mas só na experiência vai proporcionar isso, essa criatividade. Humberto Maturana (2001) vai chamar de criação, de nova criação, de desenvolvimento em cima daquele ordinário, daquilo que se tem no seu dia a dia, na sua vida, o conhecimento adquirido e feito para as questões:

- interlocutores, situações e contexto cotidiano dos conhecimentos e saberes;
- relações contextuais em que as interações acontecem como marcas dos agentes sociais;
- interação e contexto material do ECS;
- vivência dos agentes nas produções de ECS;
- interatividade entre os sujeitos sociais no contexto atual endógeno da UNEB no território;
- processos formativos e sua efetividade;
- uso de tecnologia, gestos e produção material atuais e possibilidade projetos;
- conhecimentos e saberes dos discentes no território;

Por isso o ECS vai possibilitar contato com a vivência da escolha e do sentir de estéticas que perpassam mercados e públicos, sem perder a ação reflexiva, apontando assim para uma formação que possa possibilitar o enfrentamento dos desafios do tempo, exigências do mercado, produção e gestão da comunicação. Mas também não esquecer a busca de sanar as necessidades de uma leitura crítica, uma solidariedade social e participação: “Na acepção do termo, solidariedade significa uma comunidade total de interesses e de responsabilidades” (FRANCO, 1995, p. 136). É interessante a dinâmica histórica que aponta a universidade como o espaço ocidental de formação profissional e a divisão social do trabalho que molda as redes de agentes.

## Considerações finais

A experiência formativa em ECS acontece em consonância com a realidade da UNEB, uma instituição de ensino superior no interior da Bahia. Nela criamos momentos e

oportunidades formativas de desenvolvimento e de atividades coletivas que possam ser compartilhadas. Ou seja, compartilhar conhecimentos e saberes a partir do cotidiano das pessoas, suas microrrelações e suas táticas de superação de problemas cotidianos (CERTEAU, 2014). Ou seja, na universidade pública há um desafio epistêmico e político com a heterogeneidade do conhecimento, com a experiência do saber que gera democracia, sistemas mais plurais e diversificados.

Dessa forma, fazemos uma difusão do conhecimento e criamos diálogos com outras formas de conhecer o mundo. Esse é o desafio do saber universitário: "A sociedade deixa de ser um objeto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeita de conhecimento" (SANTOS, 2005, p.30). O desafio do saber universitário então confronta-se com diversos agentes, movimentos sociais e realidades, tensionando um novo modo de responsabilidade da instituição e dos diversos agentes formativos (VIANA, 2009).

Observamos que o Território do Sisal não está isolado dos problemas do mundo, na contemporaneidade, percebemos aspectos peculiares estéticos e interculturalizados, relativos, fragmentados (BAUMAN, 2003a; 2003b). Vive-se daí um processo que envolve ainda a ideologia do progresso técnico-científico com seus desdobramentos sociais, políticos, culturais, identitários e éticos em contraponto aos desafios estruturais, desigualdades sociais, silenciamentos de conhecimentos e saberes, por exemplo (SANTOS, 2007).

A vivência territorial torna-se mais complexa sob a tensão de um sistema social global. Não existe, a partir das conexões, um limite de fronteiras, mas uma universalidade territorial em paradoxo, agentes que permitem ligações identificáveis. Redes de agentes em desenvolvimento no tempo e no espaço com suas consequências por meio das tecnologias, fazendo emergir múltiplas relações sociais, alterando suas características de interação humanas e comportamentos, a partir do local.

## Referências

BAHIA. Secretaria de Planejamento. **Territórios de Identidade**. Salvador, 2017. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17> . Acesso em: 20 out. de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003a.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2003b.

BERLO, David. **O processo da comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**/Secretaria de Educação Superior. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf> . Acesso em: 20 maio 2022.

BRASIL. **Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura**/Secretaria de Educação Superior. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior, 2010. Disponível em: <https://www.dca.ufrn.br/~adelardo/PAP/ReferenciaisGraduacao.pdf> . Acesso em: 20 maio 2022.

BRUMER, Herbet. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, David (Ed.). **Teoria da Comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980.

CANCLINI, Nestor G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: Edusp, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

COELHO NETO, Agripino Souza. REDES E TERRITÓRIOS (networks and territories). **Mercator**, v. 12, n. 28, p. 19 a 34-19 a 34, 2013.

DEWEY, John. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

DEWEY, John. Tendo uma experiência. In: LEME, M. O.R.P. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.89-105.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021a.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. Qualidade Total na Formação Profissional: do Texto ao Contexto. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 76, n. 182-183, p. 117-138, jan-ago 1995.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MATURANA, Humberto. **Cognição ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2001.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.



SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Universidade do Século XXI**. Coimbra: Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Sociais, 2005. Disponível em: [www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf) . Acesso em: 05 jan. 2008.

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; COELHO NETO, Agripino Souza; DA SILVA, Onildo Araujo. De Região Sisaleira a Território do Sisal: desvelando as nuances do processo de delimitação da diferenciação espacial no Semiárido Baiano. **GeoTextos**, v. 11, n. 2, 2015.

SIMÕES, P. Guimarães. O acontecimento e o campo da Comunicação. In: FRANÇA, V. V.; ALDE, A.; RAMOS, M. C. (ORG.) **Teorias da Comunicação no Brasil**. Salvador: POSCOM-EDUFBA, 2014. p. 173-196.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. COLEGIADO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Projeto do curso de graduação em Comunicação Social – Rádio e TV – Bacharelado**. Conceição do Coité: UNEB, 2012. Disponível em: <http://dedc14.uneb.br/wp-content/uploads/2021/06/Projeto-do-Curso-Comunicacao-Social-Radio-e-TV-1.pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. COLEGIADO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Projeto do curso de Bacharelado em Comunicação Social – Rádio e TV – Para fins de Renovação do curso**. Conceição do Coité: UNEB, 2017. (Documento não publicado).

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB. **COMISSÃO GERAL DE ESTÁGIO. Regulamento de Estágio da UNEB**. Salvador Bahia: CONSEPE-UNEB, 2019. Disponível em: <http://conselhos.uneb.br/wp-content/uploads/2021/04/2016-consepe-Res.-Regulamento-de-Estagio.pdf> . Acesso em: 22 maio 2022.

VIANA, Moisés dos Santos. O desafio social do saber universitário. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 99, p. 31-38, 2009.

VIANA, Moisés dos Santos. Múltiplos aspectos da identidade na era da comunicação. **Revista Espaço Acadêmico**. Revista Eletrônica da Universidade Estadual de Maringá. Maringá. n. 18, p. 176-179, Mar. 2011. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12110>. Acesso em: 20 jan. 2014.

VIANA, Moisés dos Santos. **Relatórios de Estágio Supervisionado II 2015.1**. Colegiado de Comunicação Social – Rádio TV - UNEB Campus XIV. Conceição do Coité-BA. (Documento não publicado).

VIANA, Moisés dos Santos. **Relatórios de Estágio Supervisionado II 2016.1**. Colegiado de Comunicação Social – Rádio TV - UNEB Campus XIV. Conceição do Coité-BA. (Documento não publicado).

VIANA, Moisés dos Santos. Reflexões dos Processos do Estágio Supervisionado em Comunicação Social, em Conceição do Coité-Ba. In: I Congresso Nacional de Avaliação da Aprendizagem (ICONAAP), n.1, 2019, Salvador-BA. ALVES, Rejane de Oliveira et al. (Org.) **I Congresso Nacional de Avaliação da Aprendizagem (Anais)**. Salvador: Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED-UFBA), 2019e maio de 2022.

ZABALZA, Miguel, A. **O estágio e práticas em contextos profissionais na formação universitária**. São Paulo: Cortez, 2014.

Recebido em: 28 de setembro de 2022.

Aceito em: 25 de novembro de 2022.